



ESCOLA DE SAMBA TROPICAL

Enredo 2019

*Blimundo é nôs Força,
Um povo k ta snha e dá côr a realidade.*

Enredo: Direção da Escola de Samba Tropical

Carnavalescos: Eurico Ramos - Dex
David Leite – Daia

Presidente: David leite

Design & Concepção de Alegorias: Eurico Ramos - Dex

Sinopse: João Carlos Silva

Música: Jotacê & Anísio Rodrigues





Sinopse

Oh Blimund

Senhor Rei mendé-me bem 'shcóbe

Pa bô bé casá c'Véquinha d'Praia

Tim – Tim ne nhê cavéquim

Cóp – Cóp ne nhê prentém

Glú – Glú ne nhê bli d'ága

Diz a sabedoria popular que o que não se ensina na escola, aprende-se em casa e que os mais velhos são os nossos primeiros professores. O verdadeiro conhecimento vem da ancestralidade.

Antes mesmo de, na Primavera da Vida, conhecermos as primeiras letras e com elas aprendermos a escrever o nosso nome, em casa passam-nos valores morais, ensinam-nos a respeitar para sermos respeitados e mostram-nos a diferença entre o certo e o errado. Muitas vezes a forma como todo esse legado nos é passado e como nos é dado a conhecer o Mundo é através das histórias, contos, lendas e fábulas que compõem o nossa identidade cultural e o nosso cancionero popular.

As nossas melhores noites foram aquelas que começaram com **“história, história, fortuna do Céu, Amén”**, seguidas das mais mirabolantes e rebuscadas expedições por um imaginário coletivo intemporal, que navega de geração em geração. E as histórias nunca são as mesmas. Vão se modificando aos poucos. O implacável Senhor do Universo, o Tempo, encarrega-se disso; ora soprando para a imensidão dos vales e montanhas das nossas ilhas, pequenos detalhes que rouba à memória dos contadores, ora indo às profundezas deste infinito mar azul que nos une, buscar novos pormenores, novos desfechos, ou um simples adorno que as embeleze, ou as torne mais assustadoras.

“Mas também há histórias nunca ouvidas, pois só certas pessoas, que não conhecemos, são capazes de falar com alguns animais, ouvir e trocar com eles segredos de aventuras e amizade, passearem por entre cascatas de água, pontes de ramagens de árvores sobre altos precipícios, caminhos do deserto que o não são, lugares onde ninguém andou”

João Nuno Alçada



O encanto maior dos contos de outrora é a capacidade que têm de, através do imaginário, nos explicarem a realidade, nos fazerem entender quem somos, de onde viemos e como nos devemos comportar.

Carnaval também é Cultura, Carnaval também é Educação. Com a internacionalização cada vez maior do Carnaval de São Vicente, há um número crescente de turistas e de gente de outras paragens que visitam a nossa ilha. Cabe-nos a importante responsabilidade de lhes dar um pouco de Cabo Verde para levarem com eles, para além da melanina que o nosso tímido Sol de Inverno ainda consegue transmitir, dos souvenirs que compram pela cidade e de toda a sabura que passam nesses “três dia d’loucura”, como escreveu um dia Pedro Rodrigues, eternizado pela voz da nossa grande Diva dos Pés Descalços, cuja personalidade forte, tinha muito daquilo que caracteriza o Blimundo.

A Lenda de Blimundo

Nascido no reconcâvo dos vales Santantonenses, o conto de Blimundo, é sobretudo uma história **CABOVERDIANA**, contada e recriada, ainda que com leves diferenças de detalhe, um por pouco todas as ilhas de montanhas e trapiche, onde a força do boi dava de ganhar ao Senhor da terra.

Blimundo era um boi imaginário, de força descomunal e elevada estatura, que se tornou símbolo de grandeza e imponência.

É comum, principalmente em Santo Antão, as pessoas referirem-se a algo grande como “um blimund”.

Mas mais do que grandeza física, o Blimundo simboliza a liberdade, a revolta, a vontade própria e a personalidade, de quem não se deixa subjugar pela opressão e tirania de quem pode mais.

O boi Blimundo é acima de tudo, a imagem do povo cabo verdiano; um povo que sofre mas que não se rende e que se recusa a baixar a cabeça, perante quem quer que seja. **Um enteado querido de uma Natureza Madrastra** que, apesar de inóspita, ainda assim lhe tem grande amor e que, por entre falta, carência, fome e adversidade, o moldou e o ensinou a vencer.



Blimundo fugiu para o interior da ilha e escondeu-se por entre os vales, montanhas e as ribeiras que os banhavam, vivendo uma vida plena de liberdade e contestando a escravidão a que eram submetidos os seus iguais, para servir os interesses de um homem, dono e senhor absoluto das terras, águas, regadios e trapiches, personificado pelo infâme Senhor Rei, que encarna no fundo a figura do antigo Morgado.

No dizer de **Leão Lopes** “o simbolismo de Blimundo teria vindo dos tempos de escravidão, em que eram os braços dos escravos o motor do trapiche, antes do cachado dos bois. Aliada à condição de escravos e atraídos pela imponência, proteção e cumplicidade dos quase inacessíveis picos que ladeam as ribeiras, a ensejada liberdade era cantada, até há pouco durante as fainas de esmagamento de cana de açúcar, para o grogue e o mel. É também nessas cantigas, chamadas de “aboio”, que encontramos traços vivos de Blimundo, sua história e seu simbolismo.

Blimundo é ainda a imagem do amor, da paixão, da poesia e do encanto das crianças.”

I – O Desfile

Embuida desse espírito de partilha e ensinamento, a Majestosa Rainha da Noite, sua Majestade Escola de Samba Tropical, virá a terreiro com o seu maior, mais faustoso e certamente mais marcante cortejo, que dividido em dois grandes blocos, trará para a avenida:

- O Conto de Blimundo, e
- Uma viagem por Cabo Verde, pela nossa história, pela nossa cultura e pelas nossas gentes.

Na primeira parte do desfile, faremos um périplo até à nossa vizinha ilha das Montanhas, recriando no “feliz chão de um povo que canta” a mítica lenda de Blimundo. As alas terão o colorido dos vales e montanhas, ribeiras, meradas, campos floridos, rochas escarpadas de Santo Antão, por onde o personagem principal do enredo vivia, pleno de liberdade.

Neste primeiro bloco ilustraremos os valores culturais e morais que o Blimundo encerra; a liberdade por contraste com a escravidão (triste legado dos nossos ancestrais), a valentia, o amor e paixão, a determinação e o respeito pelos mais velhos.



É justamente o Respeito e Veneração aos Mais Velhos, que darão corpo ao grande destaque da primeira parte do nosso desfile, da Segunda Feira Mítica; **A Nossa Velha Guarda.**

Os nossos fundadores. Os Guardiões do Templo da nossa Sabedoria. As Raízes da Árvore frondosa das quais somos frutos de continuidade.

A história de Blimundo e outras histórias que marcaram a nossa cultura popular foram-nos contadas, ao fim e ao cabo, por essas mesmas pessoas que chegaram primeiro e viveram mais. Se ouvimos falar do boi, do Senhor Rei, do rapazinho com o seu bli d'aga, cavaquim e saquinho de prentém, foi da boca destas senhoras e senhores, portanto nada mais justo e simbólico do que serem eles a abrir o cortejo. São eles os portadores da sabedoria e são eles que irão abrir o grande livro do desfile.

A segunda parte do desfile é uma ponte entre a imagem do boi Blimundo refletida no povo Cabo Verdiano e a nossa história contemporânea; as agruras duma Natureza mais madrasta do que mãe, a busca pelo sustento fora do país, o mar que é a nossa maior riqueza, a cultura e tradição.

O desfile será suportado por uma alegoria, duma majestade e sumptuosidade jamais vistas em São Vicente. Um carro alegórico que entrará por si só para os anais do Carnaval mindelense.

Uma das grandes novidades da Escola de Samba Tropical para o Carnaval e 2019 é a introdução do fenomenal Eurico Jorge Ramos, o popular Dex, como cenografista. Artista plástico, poeta, músico e compositor, Dex tem uma genialidade fora do comum e uma doçura humana, que transporta para o plano tridimensional se transformas em verdadeiras obras de arte. É dele a autoria de todas as peças gráficas do desfile; as alegorias, algumas das fantasias, etc.

Se das mãos de Dex saem o corpo e a alma do desfile, será a batuta do jovem Mestre Cabol a reger o coração da Escola de Samba; a Bateria Majestosa. É lá que é marcado nosso o ritmo e nosso o pulsar. Discípulo e herdeiro musical do lendário Mick Lima, o irreverente Cabol é uma feliz mistura do moderno e do tradicional. Criativo e inovador, mantém o respeito pela tradição e por tudo aquilo que dá sustentabilidade ao ponto central de todo o cortejo; a Ala Ritmica.



II – O Hino

Novamente a cargo de Jotacê & Anísio Rodrigues, o samba enredo para 2019 é um périplo pelo cancionero geral de Cabo Verde, através duma das mais populares fábulas do nosso imaginário cultural. Começar a música, navegando na tradição, mergulhando no mar da imaginação é uma alusão ao facto de sermos um arquipélago, onde o mar é soberano.

Mergulhamos profundamente até chegar à raiz da nossa identidade. O samba é uma viagem pelo lado mágico e mítico do nosso país. A referência à escola, é a ovação que normalmente integra o estribilho do samba-enredo (não poderia faltar).

Na segunda estrófe entramos no tema propriamente dito e, tratando-se duma fábula, a ideia é replicar na avenida o contar tradicional das nossas histórias. Nobreza, majestade e força da natureza são formas de caracterizar o Blimundo, sem mencionar o nome dele. Nunca se rendeu à tirania do opressor e nunca deixou de lutar contra a adversidade, por aquilo que defendia, à imagem do povo Cabo Verdiano (daí o paralelismo).

Complementando a estrófe anterior, seguem-se as referências à força bruta e ao chicote que nunca o dominaram (nem soldados, nem valentões, nem Sr. Rei puderam capturá-lo). Sempre foi senhor da sua vontade e sempre viveu nas montanhas e vales, correndo livre, em felicidade. Esta referência serve para levantar o tom da música, para que cresça em animação e chegue forte e alegre ao refrão, fazendo dele uma apoteóse. A segunda parte da estrófe retrata metaforicamente a forma como o menino convenceu o ir para o palácio, pois iria casar com o seu amor.

O refrão inicial remete à canção que o menino canta para convencer o Blimundo a ir com ele para o palácio. Como é uma canção que todos conhecem, enriquece o refrão e faz com que todos se identifiquem mais facilmente com o tema. Deve ser cantado no tom tradicional da música, mas num ritmo mais acelerado.

Os trocadilhos são para ligar o conto em si ao enredo de Carnaval.

O **Pulá Largód** é uma forma de aproveitar a expressão de gíria popular Largód, que atualmente anda muito em voga. Acrescenta uma dose de irreverência e malícia carnavalescas à música, um pouco na linha do Cinturão Tem MÊl no Tchon Sagród.



PULÁ LARGÓD

(Jotacê & Anísio Rodrigues)

**NÔ BEM NAVEGÁ NA NÔS TRADIÇÃO
MERGULHÁ NA MAR D'NÔS IMAGINAÇÃO
CONCHÊ NÔS RAÍZ, NÔS IDENTIDADE
COLORI NÔS REALIDADE
BEM VIAJÁ MÁ SAMBA TROPICAL
DESCOBRI MAGIA DE NÔS TERRA NATAL**

**BEM VIAJÁ MÁ SAMBA TROPICAL
DESCOBRI MAGIA DE NÔS TERRA NATAL**

HISTÓRIA, HISTÓRIA, FORTUNA DO CÉU, AMÉN
NA SÊ NOBREZA, NA SÊ MAJESTADE
UM FORÇA DE NATUREZA LUTÁ DIA-A-DIA
CONTRA TIRANIA, PA SÊ LIBERDADE
NUNCA ÊS PÔL PÊ NA CATCHACIM
NUNCA ÊL TCHÁ, NUNCA ÊL PERMITI
IMAGEM DUM PÔV SOFRID
MÁ QUE CA TA RENDÊ, CA TA DESISTI

FORÇA BRUTA NUNCA DOMINAL
PONTA DE CHICOTE NUNCA DOBRÊGAL
SEMPRE ÊL FUI SENHOR DE SÊ VONTADE
C'BRÓCE ABERT PA FELICIDADE
NA PUREZA DUM MELODIA
ILUMINÓD PA TUD ESTRELA NA CÊU
ÊL TCHÁ DOCURA D'INOCENCIA
MOSTRAL CAMIM PA SÊ CRÊTCHEU

**OH BLIMUND, SR. REI MANDÁME BEM BSCÓB
PÁ BEM BRINCÁ NÊSS CARNAVAL
TLIM TLIM NA NHA CAVAQUIM
TUC TUC NA NHA TAMBORIM**

**DANÇÁ NA RUA D'MORADA, PULÁ LARGÓD TÊ MADRUGADA
DANÇÁ NA RUA D'MORADA, PULÁ LARGÓD NÊSS BATUCADA**

